

A Consagração do Padre Kentenich aos nove anos de idade

Quando nossos filhos crescem, sabemos que um dia eles sairão de casa; afinal, como diz nosso grande irmão Gines Ponce, do III Curso, “eles não são nossos”. Mas, não tem jeito: quando esse momento chega, nosso coração fica apertado e, quase que inevitavelmente, lágrimas vêm aos olhos. Mesmo que eles sejam praticamente adultos, estejam saudáveis, sejam inteligentes e até já tenham alguma experiência de vida, não adianta. Eles continuarão para sempre nossos meninos/meninas.

E se ele for filho único, a mãe for solteira e ele... tiver somente nove anos de idade?! Vocês conseguem imaginar? Foi isso o que ocorreu com Katarina Kentenich e seu filho, Pedro José Kentenich, mais tarde nosso Pai e Fundador. Premida pela necessidade econômica, tendo que assumir um emprego que a empenharia de manhã à noite, o menino ficaria sob os cuidados da avó, que já se fazia sentir sob o peso da idade. Auxiliada pelo seu confessor, Padre Savels, Katarina consegue uma vaga para o pequeno José no orfanato St. Vincenzhaus, na cidade de Oberhausen.

Angustada, porém certa de que era necessário, a mãe chega com seu filho ao orfanato no dia 12 de abril de 1894. Antes da despedida, vão à capela da casa e, junto à imagem de Nossa Senhora, Katarina consagra à Mãe de Deus o que tem de mais caro, seu filho. É um momento doloroso para a mãe e impactante para o filho. Tão grande esta marca foi no menino que, por diversas vezes, Padre Kentenich se recordará daquele momento com exatidão. Como descreve a Irmã Dorothea M. Schlikmann, no excelente livro *Anos Ocultos*, “o sofrimento abre José para a consagração e a experiência de fé deixa quase em segundo plano a sua dor”. Prova disso, muitas vezes nosso Pai deixa antever o quanto a sua consagração à Mãe, naquele momento de separação, foi importante em sua formação. Disse ele, por exemplo, em 1914, durante conferência aos jovens seminaristas:

“Há alguns anos, vi numa capela de um orfanato uma estátua da Mãe de Deus, que tinha no pescoço uma correntinha e uma cruz douradas. A correntinha e a cruz eram a recordação de primeira comunhão de uma mãe, que se viu forçada a colocar seu único filho em um orfanato, devido a uma situação familiar adversa. Não lhe era possível continuar a cuidar de seu filho como mãe. O que podia, então, fazer, na angústia do seu coração e dos seus cuidados? Toma a única recordação de valor da sua infância, a sua lembrança da primeira comunhão, e coloca-a no pescoço da Mãe de Deus, com o pedido suplicante: Educa meu filho! Sê-lhe inteiramente mãe! Cumpre no meu lugar os deveres de mãe!”

E quanto a nós? O que nos diz esse fato tão marcante da vida do nosso Pai, mesmo 121 anos depois? Embora vários ângulos possam ser levantados e debatidos, queremos refletir com vocês aqui sob os prismas dos dois personagens desta história. Primeiro, Katarina Kentenich. A mãe natural entrega seu filho único, de maneira incondicional, nas mãos da Mãe de Deus. Seu filho único! Seu maior tesouro! Katarina colocou seu filho no colo da Mãe, para que ela, com suas mãos maternais, o cuidasse por toda a sua vida. A fé prática na Providência Divina, por meio de Maria: essa é a mensagem da mãe do Fundador para nós.

A confiança ilimitada de Katarina na Mãe de Deus formou, para sempre, José Kentenich. Ele a assumiu como Mãe. Verdadeira Mãe! O Pai e Fundador tanto vivenciou isso, que ele percebeu o quanto era vital também nos transmitir a importância da experiência filial. Muitas coisas ocorreriam na vida do Padre Kentenich, muitos abismos escuros se anunciaram, mas ele sempre confiou e se deixou guiar pela Mãe. De novo, vem a pergunta: e quanto a nós?

Neste 12 de abril, que as marcas deixadas por essa experiência-chave, na alma do Padre Kentenich e de sua mãe, se aprofundem em nós, incentivando-nos em nossa caminhada para nos tornarmos cada vez mais filhos entregues nas mãos da Mãe de Deus. Afinal, se “um servo de Maria jamais perecerá”, o que dirá um filho seu?

Tomás e Flávia Santos
V Curso da UF – Família Luz, Servos Fiéis do Pai!